



VIRGINIA

Quem ha que lhe não admire o talento, a distincção, a sympathia do seu sorriso, a suavidade do seu olhar, a esbeltaz do seu busto, o som argentino da sua voz, emfim todos os seu encantos de mulher, que, não sendo formosa como uma virgem de Ticiano, encanta como o suave perfume da violeta, a que se compara na singeleza e na modestia com que se esconde.

Quem como ella é capaz de nos fazer rir, com o seu riso alegre como um bando de passarinhos, ou enternecer-nos, como quando os seus labios tremulos murmuravam a canção do *Salgueiro*?

No seu olhar limpido e transiucido, espelha-se a sua alma feita de luz.

A voz quente e apaixonada moldada para accentuar as mais ternas phrases de amor, acaricia-nos o ouvido como um cantico, despertando em nós os suaves effluvios que inspira a melodiosa musica de Bellini.

Se não tem, como Ercilia das Neves, a compleição artistica das grandes tragicas, é uma actriz moderna que no palco brilha com todo o fulgor do seu talento e sabe reproduzir com notavel maestria os typos idealisados pelos grandes escriptores, como Shakespeare, Dumas, Sardou, Ohnet, Paillerou, etc.

E' notavel a maneira artistica como Virginia sabe variar as inflexões da sua voz harmoniosa, clara, de vibrações crystalinas; como sabe moldar a sua phisionomia ás diferentes cambiantes do personagem. Como sabe ser alegre e triste, humilde e ativa, fria e apaixonada; como reproduz o amor e o odio, o despeito e o ciúme, a vingança de leão, o arru-lhar da pomba, a resignação da martyr, a candura da innocência, a magestade da rainha, a timidez da donzella, a despreoccupação da mocidade ou o ar grave da matrona.

O vastissimo repertorio d'esta actriz, falla mais alto que a nossa humilde penna, nada habituada a estes trabalhos.

Além de muitas outras peças, tem a notavel actriz Virginia, cujo retrato honra a nossa primeira pagina, sido victoriada na sua carreira dramatica, nas seguintes:

Fedora, Princesa de Bagdad, Morta, Sociedade onde a gente se aborrece, Ernani, Solterões, Grande industrial, Dionisia, Estrangeira, Varina, Mantilha de renda, Dora Fernanda, João o Carteiro, Othelo, Lucta pela vida, Castros, Velho thema, Monsenhor, Velhos, Leonor Telles, Duque de Vizeu, Marquez de Willemer, etc.

A Fedora notabilissimo trabalho só por si furia a reputação d'esta artista.

Virginia tem de ha muito o seu logar conquistado na scena portugueza ao lado dos nossos primeiros artistas. Não nos abalancamos a fazer a sua biographia que quanto a nós se resume em tres palavras — Talento, Gloria e Modestia.

Muito poucas são as que no nosso theatro podem hobrear com ella em talento e triumphos, nenhuma é mais modesta.

Alves



Este drama, ou antes este pezado em 3 actos é um estudo psychologico de dois hystericos, admiravelmente observado e d'um realismo que opprime.

Peça sem enredo, sem interesse, baseada nos moldes das peças de Ibsen que não conseguem acclimar-se no nosso meio.

O sr. Marcellino de Mesquita é um dos modernos escriptores que possui melhores e mais brilhantes qualidades de dramaturgo, este trabalho porém, apesar do grande merecimento de observação, não nos agrada, e como peça theatral é muito inferior aos *Castros*, *Velho Thema* e mesmo a *Perola*.

Como estudo pathologico, cremos que será bom mas não nos encontramos com competencia para o apreciar. Isto de escrever peças só para homens de sciencia, será muito difficil, mas é moda que ha de passar. Mas se nos perguntarem: Fez bem o sr. Marcellino de Mesquita em escrever esta peça? Diremos: Fez.

Em primeiro lugar veio mostrar-nos mais uma vez que os portuguezes não são inferiores aos homens de nenhum paiz e que tudo o que de bom ou máo se produz por esse mundo fóra tambem nós, portuguezes, somos capazes de produzir. E depois deu-nos ensejo a vermos um trabalho de dois artistas: Virginia e João Rosa.

O seu trabalho é colossal e o mais formal desmentido aos que ainda não ha muito diziam — Em Portugal não se representa assim — Pois representa-se assim e ainda melhor.

Que commovedora na sua triste simplicidade a scena em que a afflicta mãe procura introduzir um remedio, nos labios cerrados da filha moribunda!

A dor pungentissima, lancinante de mãe ao ver a — Morte — arrebatar-lhe o ente querido!

Que violencia, cheia de dor n'aquellas increpções de hystericos no 2.º acto! E a scena de teruira que se lhe segue e que termina com uma crise de nervos?

Admiravel! O desespero d'aquelle marido, a quem a inercia e a dor arremessou para um abismo de miseria, impotente para reagir com a fatalidade, que vê a mulher debater-se nos horrores da fome sem lhe poder valer. Como a phrase, o gesto a phisionomia do intelligente actor traduz todas angustias que lhe vão na alma! Com que amargura é dita aquella phrase — Mas eu não peço esmola... E a scena da mosca com que delicadeza é feita pelos dois artistas!

A explosão de colera d'aquelle desgraçada, cheia de fome, quando o deshumano senhorio (que seja dito em boa verdade, é muito bem interpretado por Augusto Mello) lhe vem intimar, com umas fallas muito melifluas, a ordem de despejo; é de grande effeito theatral. Mas para que citar mais scenas?

O papel de Virginia, tem arrancos de dor, convulsões, lagrimas de mãe, phrases amargas e ternas, colera abatimento, tudo isto admiravelmente feito, magistralmente interpretado.

Em João Rosa o acabrunhamento, a dor, a humilhação do orgulho, os mais pequenos detalhes e minudencias do personagem superior-

mente estudadas, papel d'exame surpreendentemente executado.

Mais um bravo aos dois primorosos artistas!

O publico fazendo justiça a este innegavel desempenho, premiou-os com innumeradas chamadas nos finais dos actos.

RUA DOS CONDES

DEMI-MONDE

Grimamos constantemente que Portugal marcha sempre na reatguarda de todas as nações, que se não progredie, que as artes estão atrasadas, que a industria é rotineira, que o commercio está paralyzado, falta de recursos, emfim, alto e bom som, apregoamos diariamente a nossa decadencia! Mas cuidado, que ninguém pense em fugir d'este ram-ram, em sair d'esta mercia, d'este *doce far niente* que se acclimou n'este *jardim à beira-mar plantado*, porque sobre esse *ninguém* recahiria todo o sobe-rano desdem que em geral professamos por tudo que é nosso. Se alguma empreza foge da rotina e procura trabalhar e fazer alguma coisa fóra do vulgar, o nosso maior desejo é que se malogrem todos os esforços, porque a vingarem, iriam perturbar a paz tranquilla em que vivemos, dando unicamente trabalho á má lingua, que é no que afinal somos fortes.

Este pequeno preambulo vem a proposito da *reprize da Demi-Monde* no theatro da Rua dos Condes.

Em qualquer paiz civilisado esta empreza seria digna de louvores; aqui, porém, onde impera o pedantismo tolo e onde vingam as mais pequeninas invejas, tem sido recebida com o mais glacial desdem.

Até um critico, contra a opinião de todas as pessoas de bom senso, para tudo achar mau, até a interpretação do papel principal do *Demi-Monde*, que é uma gloria da artista, lhe mereceu censuras! Poderia muito bem guardar os seus pessimismos para outros theatros onde trabalham artistas de longa pratica, e digirir algumas palavras que servissem de estímulo a estes que agora principiam, e que, quando não revelem outras qualidades, revelam pelo menos as do trabalho, o que sempre é mais alguma coisa que não fazer coisa nenhuma.

Quanto a nós, que temos demonstrado que somos imparcialissimos nas nossas opiniões, sentimo-nos confrangidos ao entrar n'aquelle theatro agradavel, ver os prodigios de habilidade e de intelligencia para conseguir apresentar um conjunto accitavel com individuos que ainda, na sua maioria, ha dois mezes não sabiam o A B C da arte, e o publico e a critica receber aquelle trabalho todo na ponta da espada!

E é este mesmo publico que applaude, e é esta mesma critica que faz réclames ao *Braquileiro Paneracio*, ao *Sal e Pimenta*, á *Fuga dos Sabinos* e outras, e no theatro de D. Amelia a todos os artistas de exportação...

E' triste, é desolador.

Que os artistas no theatro da Rua dos Condes deixaram muito a desejar, d'accordo. Mas porque estes rigorismos, com uns debutantes, e porque tanta benevolencia com artistas com doze e quinze annos de pratica e que não conseguem um trabalho perfeito por mais insignificante? Em que theatro, a não ser em D. Maria, vemos hoje uma *mise-en-scène* cuidada, artistica e luxuosa como a da Rua dos Condes? Ou isto não vale já alguma coisa?

E depois não queremos que digamos que os protestos contra a vinda de companhias estrangeiras não passam de rethorica, salvo o respeito e consideração que nos merecem os iniciadores do tal protesto, que já passou á historia, com pouco tempo mais de vida que a das rosas.

Mas vamos á peça e ao desempenho.

E' o *Demi-Monde* um dos melhores trabalhos do fallecido Alexandre Dumas.

O titulo só por si constitue uma descoberta que revela a fina observação do dramaturgo e que define perfeitamente o meio em que se desenvolve a acção d'esta commedia.

Foi, se nos não enganamos, representada pela primeira vez em Lisboa em 1866, com o titulo de *Posições equivocadas*. O papel de baroneza d'Anje foi feito pela fallecida actriz Gertrudes, e os de Olivier de Jaln e Nanjae por Santos e Tasso. Mais tarde, em 1875, voltou á scena em D. Maria, em beneficio d'essa d'essa mesma actriz, e n'esse mesmo anno representada no theatro das Variedades, traducção de Furtado Coelho, com o titulo original. Tem depois sido representada sempre por Lucinda Simões nos seguintes theatros: Recreios, Gymnasio, Principe Real e agora na Rua dos Condes.

Dizer que a baroneza d'Anje por Lucinda Simões é o papel mais completo que conhecemos no theatro portuguez, é o maior elogio que podemos fazer á illustre actriz. A baroneza d'Anje é ella, só ella.

Se Dumas a tivesse ouvido, teria visto a incarnação do seu ideal sonhado.

Olivier de Jaln, interpretado por Christiano de Sousa, está muito bem comprehendido pelo illustrado artista, e tem scenas esboçadas como devem ser; falta-lhe porém o que só a longa pratica da scena pode dar, e tem além de isso a lutar com a voz, que nem sempre se deixa ouvir bem; contudo a linha é aquella que soube sustentar, e se não consegue fazer esquecer os artistas notaveis que o precederam, merece ser applaudido pelo seu trabalho, que revela muito estudo e notaveis progressos.

Lucilia Simões disse bem o seu papel, e parece-nos, que com tão boa mestra ainda virá a ser uma artista notavel.

Digno de applausos é tambem o trabalho da joven actriz Amelia Pereira, para nós completamente desconhecida. Das *modernas* que temos visto debutar ultimamente, é esta, ao que nos parece, uma das que o tem feito mais auspiciosamente. E' sympathica, diz com sentimento, a voz é clara e está á vontade em scena. Hoje, que vão rareando tanto as actrizes dramaticas, parece-nos que bem avisado andaria o publico dispensando-lhe alguns applausos. Ainda que aos novos não é bom applaudir muito para os não enfadecer.

Nanjae foi desempenhado por outro artista desconhecido, Carlos d'Oliveira. O primeiro acto foi desempenhado muito accitavelmente, mas a severa catadura dos criticos metteu-lhe medo, e vimol-o mais contrafeito nos actos seguintes. O papel é difficil, é mesmo *arrevejado*, mas dos tres ou quatro actores que temos visto n'este papel nem a todos fica este debutante collocado muito inferiormente. Não vimos Tasso, que nos dizem era correctissimo n'este personagem.

No emtanto parece-nos que o novel actor Oliveira precisa estudar e estudar muito, boa vontade vê-se que lhe não falta.

A disposição das scenas é de muito effeito e de luxo; a peça está muito bem ensaiada e merece a pena ver-se, e estamos convencidos de que o publico não deixará de corresponder aos esforços da empreza.

Ha uma innovação n'este theatro que, além de ser agradável á vista, tem a vantagem de obrigar os artistas a estudarem os papeis. E' a suppressão da caixa do ponto.

THEATRO DO GYMNASIO

AMOR E BANHOS DE CHUVA

Esta commedia italiana escolhida pela empreza d'este theatro, naturalmente por ser exactamente igual ás farças francezas com que semanalmente nos mimoseia, não vale mais do que estas ultimas.

O enredo de grande simplicidade dá logar a uma serie de scenas banaes que só provocam o riso pelo disparate.

O desempenho é o mesmo que os artistas d'este theatro se acostumaram a dar ás peças d'este genero. Dos interpretes não podemos especialisar nenhum. N'este theatro, parecemos que ha uma especie de confraria de Nossa Senhora da *Egualdade*, nenhum dos artistas procura salientar-se para não desmanchar a boa harmonia que reina no seio d'esta confraria.

DUMAS PRECURSOR

ria, e se alguma vez algum d'elles apresenta um trabalho novo, fóra das regras estabelecidas pela irmandade, crêmos que paga uma multa. O processo é commodo. Mas a serio e fallando ainda do desempenho, parece-nos que o mais correcto foi talvez o actor Ignacio, e o que mais conscienciosamente diz o seu papel. Como este actor é um dos mais novos n'este theatro, tem habilidade e trabalha, dir-lhe-hemos, para seu bem, que se não deixe contagiar pelo mal que enferma os seus collegas. Procure comprehender os seus papeis e não se limite a decorá-los e a papagal-os na scena. Caracterisou bem o personagem e apresenta-se bem. Unicamente no terceiro acto, desejaríamos vê-lo mudar de traje.

Um sujeito que passa algumas horas n'um pinheiral, debaixo d'um aguaceiro, com uma calça de flanela branca, não deve chegar a casa muito enxuto, era portanto muito natural que na manhã seguinte vestisse um outro fato. O detalhe é insignificante, mas n'estes pequenos *nadas* se revela a observação do artista.

E já que fallámos em *toilettes*, continuemos: Diz o rifão: «O habito não faz o monge». Este rifão não se pode applicar ao theatro. E' pela *pose* e sobretudo pela maneira de vestir, que o actor é hoje principe, amanhã creado, depois diplomata, operario, fidalgo ou burguez, elegante ou *jarreta*. O actor deve ter o maior cuidado que a sua apresentação e as suas *toilettes*, estejam em harmonia com as phases da peça. Ora dizer-se em scena, que uma figura é distincta, elegantissima, que traz uma *toilette* rica e do mais aprimorado gosto, e ver-mos apparecer na scena uma actriz vestida como qualquer costureirinha endomingada, é pelo menos tão grande contrassenso como representar uma camponeza vestida como uma duquesa. N'este erro cae geralmente a actriz que no *Anor* e *banhos de chuva* desempenha o papel de *Adriani Albani*.

No theatro a propriedade do traje é um dos principaes requisitos a exigir ao actor. Além d'isso esta actriz parece que representa por favor, não tomando interesse algum pelo personagem que desempenha.

Ha n'este theatro uma actriz a quem ainda não foi entregue um papel á altura dos seus meritos. Referimo-nos á actriz Josepha d'Oliveira. E' elegante, sabe dizer, dá vida aos personagens e não é ainda menos formosa que qualquer das suas collegas. Comtudo a empreza só de longe em longe se lembra d'ella n'algum papelito sem importancia.

Parece-nos que o papel de *Adriani Albani* sem de forma alguma queremos desconsiderar a actriz que d'elle se encarregou, que tem talento, mas de que não faz uso, estava no feito artistico de Josepha, e com a vantagem de variar o conjuncto.

A disposição das scenas n'este theatro, é tambem uma das coisas que o espectador moderno não vê com bons olhos. Este palco tem mobilia muito regular e algumas scenas boas, que dispostas mais artisticamente, tornar-se-hiam menos monotonas.

Vejam o theatro de D. Maria e o da Rua dos Condes, que bom gosto preside no arranjo d'uma sala, d'um gabinete ou de um salão.

PREVENÇÃO

A redacção d'este periodico previne o publico que não pede nem accoita bilhetes de favor nem das dramáticos theatraes nem dos artistas dramáticos; pede mais, a todos os artistas, empregarios ou mais pessoas a quem forem feitos pedidos de qualquer especie em nome de qualquer dos redactores, o favor de avisarem esta redacção para prooeder.

A REDACÇÃO.

O proximo numero publicar-se-ha com o retrato do distincto actor—João Rosa.

Ha mulheres verdugos do homem, como as ha tambem que são victimas d'elles.

Não se pôde emitir sobre todo um sexo humano uma opinião geral tão absoluta. Os creadores de typos immortaes tem reconhecido sempre a infinita variedade de almas femininas de que a terra está povoada, Shakespeare, o mais genial e livre observador da mulher, deu-nos Macbeth, mas tambem nos deu Desdemona; traçou as figuras tragicas das filhas do rei Lear, mas tambem traçou a poetica Julieta; apresentou-nos sobre a scena Ophelia, e igualmente nos apresentou Rosalinda.

E. GARCIA LADEVESE.



ANNA PEREIRA.

Está definitivamente escripturada no theatro de D. Maria esta distincta actriz.

A empreza d'este theatro portou-se muito gentilmente, apresentando a Anna Pereira, uma escriptura nas condições mais honrosas para a actriz.

Congratulamo-nos sinceramente com a empreza do normal por esta bella acquisição e com a actriz que vae encontrar-se n'um palco á altura dos seus merecimentos.

CARTA DO PORTO

MEUS CAROS AMIGOS

Antes de descrever o que é actualmente o theatro portuense, torna-se necessario dizer alguma coisa sobre o desleixo a que n'estes ultimos tempos foi votado o theatro n'esta cidade.

E' urgente que a critica imparcial reserve um pouco da sua observação, para o publico portuense digno de melhor sorte.

O Porto, o báluarte das liberdades patrias, a cidade da virgem e das revoluções etc. etc., não conseguiu ainda operar no theatro um movimento tendente a melhorar as circumstancias actuaes da arte dramatica.

A politica absorve-lhe todo o tempo e a respeito de *Artes*... nem fallar n'isso é bom.

Porém, de vez em quando, ha como que um estremeamento, não revolucionario, mas uma sacudida de nervos que se traduz n'uma inesperada ancia de gosto e de luxo.

Nessas occasiões é que se lastima a falta de divertimentos publicos e o deploravel estado do theatro portuense.

E na verdade, se o theatro aqui não chega a ser pessimo, é mau e muito mau.

N'esta cidade ha naturalmente necessidade d'um theatro pelo menos, onde se represente com as exigencias da arte.

Pois, desde que termine a epocha Lyrica, que quando muito dura tres mezes, a falta d'outros divertimentos, obriga a melhor sociedade a frequentar o theatro portuense.

Assim innumeradas familias veem-se na dura contingencia de aturar dez e quinze vezes, estopadas como o *Solar das Braggas*, *Brazilieras* e quejandas peças, durante as quaes, fatalmente nos deixavamos cair nos braços de *Morpheus* logo á segunda recita a que assistissemos, se a delicadeza nos não obrigasse a estarmos acordados.

Ora o mal reside no publico e nos empregarios, embora cada um tracte de alijar as culpas e continue tudo na mesma inercia.

Como casa d'espectaculos, que offereça mais commodidades para o publico, depois do theatro S. João, é o Principe Real.

Por isso se se tractasse de elevar, n'esta cidade a arte dramatica a corresponder ás exigencias do publico illustrado e sendo como acima digo o theatro Principe Real o mais vantajoso em commodidades, seria este theatro que deveria apresentar uma companhia em condições á poder representar diferentes ge-

neros, senão superiormente, pelo menos bem. Isto não seria difícil pois temos artistas genericos e de bastante merito a passarem epochas sem escriptura e outros deslocados.

O empresario actual d'este theatro é um actor bastante consciencioso e ninguém com mais obrigação deveria ter a pretensão de elevar o seu theatro a satisfazer as exigencias de uma segunda cidade e a deixar satisfeitos os descontentes.

Não succede assim para mal de todos. Realmente os descontentes são muitos, pois todas, as pessoas com quem tenho fallado sobre o theatro portuense, tem se queixado da pouca consideração que a empresa do Principe Real tem para com o publico, gastando epochas e epochas com as mesmas peças.

Procurei attentamente para este estado de coisas e só encontrei agravante em uma que sobreleva as outras: o favor do publico.

A empresa Tavieira tem sido quasi que extraordinariamente favorecida pelo publico, não pela qualidade nem variedade dos espectaculos, mas pela necessidade de entreter as noitadas.

Porém um dia o publico cansa-se, e abandona quem tão ingratamente o tracta.

Pela nossa parte toda a vez que tivermos de fallar do theatro d'aqui não teremos considerações de especie alguma.

O estado actual do theatro portuense é intoleravel; não me recordo de ter visto representar tão mal.

Isto é geral actualmente, e bem longe estamos do tempo em que foram postas em scena peças de responsabilidade, com desempenho muito accetavel e bastante luxo de *mise-en-scène*.

Havia outro theatro que desejando a concorrência do publico esforçava se por apresentar peças que deixasse satisfeitos os mais exigentes.

D'este modo existia a rivalidade entre os dois theatros e quem lucrava era o publico.

E' urgente que d'algum parte a iniciativa da criação d'um theatro, exclusivamente composto de artistas portuguezes, onde se represente todos os generos. Satisfazendo assim as exigencias do publico que paga, e como tal deseja bom.

Julgar-se-ha que os preços são diminutos nos theatros do Porto?

Pois quem assim pensa engana-se, porque os preços são eguaes aos dos theatros de Lisboa.

Não ha absolutamente causa alguma que obrigue a conservação d'este estado de coisas. Unicamente, conhecer-se a situação do publico, e abusar-se descaradamente d'essa situação.

Protesto o publico com a sua ausencia, e dentro de pouco tempo será servido, como exige a arte e o bom gosto.

Mas vamos ao que temos visto por cá.

PRINCIPE REAL

AS DOZE MULHERES DE JAPHET

O elenco d'esta companhia é formado por artistas todos conhecidos das platéas lisboenses, e por isso escusado será fallar dos seus merecimentos.

Como *estrela*, Angela Pinto.

Se não fosse a pretensão que este theatro tem de ser o primeiro da terra, isto sem nada produzir de notavel, muito accetavel seria a emalhada que vi com o titulo acima.

Como theatro de segunda ou terceira ordem n'esta cidade, satisfazer me-hia bastante a a maneira como esta peça estava posta em scena.

O publico do Porto exige mais e com razão.

Descrever o enredo da peça é inutil, pois o titulo explica demasiadamente bem o assumpto.

Dizem que impossivel era levar-se familia a este spectaculo, se continuasse com a mesma liberdade de linguagem da *premiere*.

A peça é um tanto immoral, e se em Lisboa protestamos contra as licenciosidades scenicas, muito mais vehemente será aqui o meu protesto, attendendo a menor liberdade que

ha entre a sociedade portuense.

Mas isto será clamar no deserto, porque a mocidade applaude, gosta, e se os espectaculos assim não forem, não concorre aos theatros.

Mais tarde queixam-se da desmoralisação e não vêem que uma grande parte d'essa desmoralisação, partiu d'elles.

A peça nada tem de notavel, nem trabalho dos artistas, nem *mise-en-scène*; unicamente por ser livre é que foi posta em scena.

Fallemos do desempenho, visto que n'elle tomaram parte os primeiros artistas da companhia.

Angela Pinto, a quem os criticos suppraram a vaidade, julga-se no direito de fazer tudo quanto entende, sem attender a arte.

Assim, n'esta ultima peça vi metter de sua casa por conta propria e risco, muitas phrases com o unico fim de provocar a gargalhada.

Isto não é digno d'uma artista José Ricardo, encarregou se do papel principal e agradou-me bastante.

Apresentou-se distinctamente vestido e representou o seu papel com a graça que lhe conhecemos.

Se o trabalho comico me agradasse sobre maneira, José Ricardo ter-me-hia deixado entusiasmado.

E' tudo o que posso dizer do seu trabalho. Os restantes artistas houveram-se segundo os seus merecimentos.

O conjunto não é de todo mau, porém temo a repetir, o Porto tem necessidade d'uma companhia que faça mais.

Mais de espaço fallarei sobre este assumpto.

INFANTE D. AFFONSO

N'este theatro encontrei cousa mais nova, quasi uma *premiere* Os *Guerilheiros*.

Como *estrela* da companhia Mercedes Blas que infelizmente não a vi representar.

As *estrellas* muito pouco trabalho têm. N'este theatro debutou Medina de Sousa, que me parece considerada tambem *estrela* e que os jornaes distinguem com o pomposo titulo de actriz cantora.

Ansiosamente esperei a noite em que a podesse ver representar, tantos louvores lhe ouvi tecer.

Ouvia e francamente não me pareceu cantora de grande merecimento; esta minha franqueza é devido aos elogios que aqui lhe dispensaram e que julgo demasiados.

Não havendo no nosso theatro quem cante é natural o incitamento a quem principia mas d'aqui a ser considerado eximio ou mesmo bom, ha muita distancia.

E quanto a actriz os seus merecimentos são quasi nullos.

Tem o grande defeito de todas as atrizes que têm a pretensão de cantoras: não se lhe entende uma palavra enquanto canta.

Medina de Sousa, ainda tem outro defeito e que mais do que os outros me contende com os nervos, procura dar a entoação estrangeira á pronuncia.

Se me desagrada ver no theatro, estrangeiros fallarem a nossa lingua, indigna-me ver portuguezes estrangeirar-me a pronuncia.

O empresario d'este theatro paga ordenados exaggerados a artistas de pouco valor ou que ainda promettem, mas que, se julgarmos notabilidades. Assim, tem uma companhia carissima e não se pôde representar peor do que no seu theatro.

Não se declama, berra-se furiosamente e no canto succede o mesmo.

Os *Guerilheiros* é uma zarzuela hespanhola, que foi representada pela companhia de D. Pablo Lopez e que agradou muito.

Não foi arregiada ao meio portuguez, conserva toda a accção hespanhola, e imaginem as mais desaguidadas coristas a procurarem dar aos seus movimentos a graça incomparavel das hespanholas.

E' simplesmente *riticulo*. Nada acho de notavel no desempenho por isso ninguem extremo.

A *mise-en-scène* pauperrima, apezar dos cartazes, annunciarem em letra gorda que o guarda-roupa pertence ao Real Theatro S. João.

Trinidade—attendendo as poucas ou nenhuma pretensões d'este theatro, o peor do Porto é onde se representa melhor.

Do theatro lyrico não lhe fallarei, isso fica para os entendidos que dizem que a companhia não ser de todo má.

Um ano feliz.

DIAMANTINO LEITE



SOUSA BASTOS

Consta-nos que este conhecido empresario vaé explorar o *drama* no theatro da Trindade. E' só o que nos faltava ver.

JOAQUIM COSTA

Este actor que tem feita parte da companhia do theatro de D. Maria, chegou do Brazil em principios de dezembro.

Enquanto os theatros estão por ahi cheios de nullidades, este actor e o velho Queiroz encontram-se sem trabalho.

NECROLOGIA

Falleceu o pae do actor Christiano de Sousa. Os nossos pezames.

Do mesmo cavalheiro que nos enviou uma carta a que respondemos no n.º 3 d'este jornal, e do qual não publicamos o nome por não estarmos auctorisados a fazel-o, racebemos nova carta que agradecemos.

Sentimos não saber a sua morada para pessoalmente lhe agradecermos o subido conceito que temos a honra de lhe merecer.

Quanto ao que nos diz no seu Post scriptum, é bem lembrado, e tivemos essa ideia, mas pozemol-a de parte, porque desejamos affastar do nosso jornal tudo o que possa ter caracter aggressivo ou pessoal.



OS THEATROS

JORNAL DE CRITICA ILLUSTRADO

COLLABORADOR ARTISTICO

JULIO ALVES

REDACTOR-CHEFE

DIAMANTINO LEITE

PREÇOS

Serie de 10 numeros..... 200 réis
Avulso..... 20 "

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a travessa de André Valente, 13.

Editor — Henrique Pinto do Amaral